

Pró-Letramento: da Formação Matemática à Prática Pedagógica

Adriane Elisa Dombrowski¹

GD7 – Formação de Professores que Ensinam Matemática

Resumo:

Esta comunicação apresenta as ideias de uma dissertação que tem por objetivo constituir fontes históricas a partir de narrativas de professores da rede municipal de ensino de União da Vitória, Paraná, que participaram do Programa de Formação Continuada Pró-Letramento em Matemática, nas quais expressam o seu ponto de vista sobre este programa de formação. Para as entrevistas foi utilizada a metodologia da História Oral, tal como vem sendo aplicada pelo GHOEM (Grupo de História Oral e Educação Matemática).

Palavras-chave: Formação Continuada. História Oral. Pró-Letramento.

Introdução

Esta pesquisa², em fase final de desenvolvimento, propõe a percepção através de narrativas de professores que participaram de um curso de formação continuada das possíveis contribuições para a sua prática pedagógica e possíveis mudanças em suas concepções sobre o processo de ensino e de aprendizagem da matemática.

¹ Mestranda em Educação em Ciências e em Matemática pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: dombrowski.adri@gmail.com

² Pesquisa de mestrado sob orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM), Linha de Pesquisa Educação Matemática, do Setor de Ciências Exatas da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Na primeira versão desta pesquisa havia a intenção de analisar as influências didático-pedagógicas na prática de sala de aula desses professores, entretanto, decidiu-se mudar o foco do trabalho por se compreender que é impossível, através de observações em sala de aula, afirmar se houve ou não mudanças na concepção ou na prática pedagógica dos professores. Nesse sentido, propuseram-se várias perguntas à pesquisa até o momento em que a pesquisadora defendeu não haver a necessidade de uma pergunta de pesquisa ao seu trabalho, visto que seu objetivo era o de constituir fontes.

Para isso foram realizadas entrevistas com professores que participaram do curso do Pró-Letramento em Matemática com o intuito de expressarem em suas narrativas alterações ou permanências dentro de seu modo particular de ver a sua atuação profissional e de se ver como um professor que ensina matemática. Aqui cabe ressaltar que a maioria dos professores que trabalham com os Anos Iniciais da Educação Básica possuem formação estritamente pedagógica e são do sexo feminino. As narrativas foram compostas de duas entrevistas, a primeira com o uso de palavras-chave, escolhidas dentro do contexto do Pró-Letramento em Matemática em que o colaborador falou livremente sobre os temas propostos e a segunda, semiestruturada, com perguntas no sentido de aprofundar os conhecimentos obtidos na primeira entrevista, sendo que a junção das duas entrevistas seguiu critérios temáticos.

As entrevistas foram transcritas, textualizadas e submetidas à aprovação dos colaboradores, sofrendo as alterações necessárias até que o texto fosse autorizado mediante cartas de cessão.

O uso de palavras-chave foi utilizado no sentido de ser um disparador de conteúdos durante a entrevista minimizando assim a interferência da pesquisadora por esta ser orientadora de estudos (tutora) do curso no município, mas não influenciando no tom vital do colaborador. No entanto, a pesquisadora tem consciência que não há neutralidade de sua parte na pesquisa.

Para essa pesquisa, fora enviada uma carta/convite para os professores que participaram do curso do Pró-Letramento em Matemática sendo que os colaboradores são professores que optaram em ser voluntários.

Com esse trabalho busca-se registrar como os professores que foram participantes e construtores desse espaço de formação continuada expressam as contribuições ou não do Pró-Letramento em Matemática para a sua formação e prática pedagógica.

O programa Pró-Letramento

O Pró-Letramento é um programa de formação continuada oferecido pelo MEC em parceria com as universidades que fazem parte da rede nacional de formação continuada, abrange a área de Matemática e de Alfabetização e Linguagem tendo como objetivo promover a melhoria do processo de ensino e de aprendizagem nos Anos Iniciais da Educação Básica do país. Apresenta como requisito a adesão ao programa por parte dos Estados e municípios. Os municípios são responsáveis pelo espaço físico para a realização da formação continuada e pelo envio de orientadores de estudo para receber a formação oferecida pelas universidades bem como os respectivos gastos para que isso ocorra.

O referido programa aconteceu em sua primeira versão no ano de 2009 e 2010 sendo que as universidades responsáveis pela formação dos orientadores de estudos foram a UNESP na primeira fase e a UFRJ na fase do revezamento. O revezamento pressupunha a troca dos cursistas que no primeiro momento fizeram Matemática para Alfabetização e Linguagem e vice-versa. Porém, essa troca não era obrigatória.

Os objetivos do programa do Pró-Letramento são:

- oferecer suporte à ação pedagógica dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental, contribuindo para elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem de Língua Portuguesa e Matemática;
- propor situações que incentivem a reflexão e a construção do conhecimento como processo contínuo de formação docente;
- desenvolver conhecimentos que possibilitem a compreensão da matemática e da linguagem e seus processos de ensino e aprendizagem;
- contribuir para que se desenvolva nas escolas uma cultura de formação continuada;
- desencadear ações de formação continuada em rede, envolvendo Universidades, Secretarias de Educação e Escolas Públicas dos Sistemas de Ensino (MURTA, SILVA & CORDEIRO, 2008, p. 7).

Estes objetivos ainda estão em vigência, pois no momento ocorre a segunda versão do curso no estado do Paraná, cuja Universidade responsável pela formação é a UFPR. Em 2013 haverá a fase do revezamento.

As formações dos orientadores de estudos ocorreram na cidade de Curitiba. Após as formações, os orientadores de estudo trabalharam nos seus respectivos municípios com a formação dos professores cursistas. Cada grupo deu o tom da formação, devido às peculiaridades próprias do grupo buscando compartilhar experiências, aprofundar os

conhecimentos sobre a disciplina e sua metodologia bem como sanar suas dificuldades sobre o conteúdo ou didáticas trabalhadas.

Os encontros, no município de União da Vitória, ocorreram no período noturno semanalmente com duração de quatro horas entre os meses de março à setembro.

O curso teve duração de 120 horas divididas em 84 horas presenciais e 36 horas em atividades individuais ou em sala de aula.

O material didático utilizado no curso foi o livro do Pró-Letramento, o qual é composto pelo Guia do Curso e de oito fascículos que englobam os conteúdos trabalhados do primeiro ao quinto ano. Este livro foi escrito pelos professores que fazem parte das universidades vinculadas a rede nacional de formação continuada e embora apresentem estrutura semelhante, as abordagens dos conteúdos são distintas. Os temas que compõem os fascículos são: Números Naturais; Operações com Números Naturais; Espaço e Forma; , Frações; Grandezas e Medidas; Tratamento da Informação; Resolver Problemas: o lado lúdico do ensino da Matemática e Avaliação da Aprendizagem em Matemática nos Anos Iniciais. Os fascículos apresentam quatro etapas: Pensando Juntos; Trabalhando em Grupo; Roteiro de Trabalho Individual e Nossas Conclusões.

Enfim,

[...] o Pró-Letramento em matemática foi concebido como formação continuada de caráter reflexivo, que considera o professor sujeito da ação, valoriza suas experiências pessoais, suas incursões teóricas, seus saberes da prática, além de no processo, possibilitar-lhe que atribua novos significados à sua prática... (MURTA, SILVA & CORDEIRO, 2008, p. 8).

A partir dessas considerações podemos tomar como pertinentes cursos dessa natureza para a formação dos professores.

História Oral

A História Oral demonstra ser uma metodologia bastante adequada quando se acredita não existir apenas uma única versão de uma história. Nesta pesquisa, se busca com a utilização dessa metodologia constituir fontes históricas a partir da narrativa de colaboradores.

Para Thompson (1992, p. 137)

Enquanto os historiadores estudam os atores da história a distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também *mais verdadeira*.

Isso faz com que a História Oral apresente algumas singularidades próprias como a subjetividade presente nas narrativas em que os fatos são reinterpretados sempre em movimento e não como algo estanque no passado.

Não se está, de forma alguma, desprestigiando as demais fontes, mas equiparando-as, respeitando-as em suas especificidades.

De acordo com Garnica (2008, p. 130)

A diferenciação entre a história oral e as demais abordagens qualitativas de investigação, [...], está precisamente no fato de que a constituição de fontes é intencional – não incidental – e isso obriga os que se valem de tal método a defenderem uma concepção de história (e, conseqüentemente, de historiografia) que parametrize tanto os procedimentos para a constituição das fontes quanto os motivos e objetivos para constituí-la.

Portanto nem toda entrevista se constitui em História Oral. A História Oral apresenta algumas etapas como o planejamento prévio da pesquisa, a escolha dos entrevistados através de critérios pré-estabelecidos; a gravação, transcrição, textualização e a transcrição dessas entrevistas; a análise do pesquisador; a colaboração, conferência e autorização do entrevistado para posterior utilização acadêmica do material; o arquivamento e o processo de devolução da pesquisa, dos resultados obtidos às pessoas ou à comunidade que fizeram parte da pesquisa. Essas etapas não são vistas como obrigatórias sendo que algumas pesquisas nesta área apresentam encaminhamentos próprios de acordo com a criatividade do pesquisador, mas que servem como forma de regulamentação, de indicar caminhos para a pesquisa em História Oral que é tida como uma metodologia em trajetória. As narrativas, nesta pesquisa, podem passar por um processo de interpretação e análise considerando aspectos referentes à formação dos professores, à sua prática pedagógica e a sua constituição como participantes ativos no processo de ensino e de aprendizagem na Educação Matemática.

Segundo Meihy (1996, p. 49) “... a História Oral se subdivide em três gêneros distintos a saber: História Oral de Vida; História Oral Temática e Tradição Oral”.

A História Oral de Vida compreende a narrativa em que o colaborador faz de si mesmo, em que ele apresenta a visão que tem de sua própria vida. A História Oral Temática estuda um tema em específico no qual o pesquisador centra e direciona o relato da pessoa entrevistada. Já a tradição Oral é aquela transmitida pelas pessoas de geração à geração como as tradições culturais, os mitos, por exemplo.

Essa pesquisa se caracteriza como História Oral Temática cujo tema é o Pró-Letramento em Matemática.

Meihy (1996, p. 51-52) enfatiza que

Em qualquer gênero da História Oral, o documento procedido pelo oralista se apresenta como desafio à compreensão da experiência de um terceiro que funciona como filtro. O *documento vivo*, pois é um recurso no qual não se limita apenas a buscar informações, dados, confronto de ideias. Mais do que isto, propõe-se a perceber o impacto dos acontecimentos, em nível subjetivo, no indivíduo e através deste na sociedade. É por isto que a boa História Oral rompe com a tradição de superadas práticas de áreas que tratavam o depoente como *objeto*, como *ator*, como *informante*. No lugar deste estoque que adjetiva o parceiro que presta o depoimento como apêndice da pesquisa, apresentamos o conceito de *colaborador*, dando sentido a uma nova relação entre quem faz a entrevista e quem presta a narrativa.

Essa colaboração é muito importante desde os primeiros contatos para a gravação das entrevistas até o processo de validação da textualização em que o colaborador propõe alterações ou não ao texto para a autorização da publicação. Aqui cabe ressaltar que após a autorização o texto passa a pertencer ao pesquisador.

Para Meihy (2002, p. 13) “A História Oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva”.

Dessa maneira, como exposto por Meihy, a história viva se justifica no sentido de que o passado tem continuidade no presente como um processo histórico não terminado. O colaborador não tem como se desvencilhar desse dualismo, falar do passado sem a influência que o presente exerce sobre ele. Outro aspecto também a se destacar é a influência do coletivo sobre o individual.

Alguns historiadores orais afirmam que a História Oral tem colaborado não só para mostrar às pessoas que elas são úteis à História, mas que também a História pode ser útil para as pessoas. Para Thompson (1992, p. 337) “A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas.”

As entrevistas

As entrevistas nesta pesquisa diferenciam-se em seus objetivos. Para os professores cursistas, as entrevistas têm a função de registrar suas memórias sobre o curso de formação continuada de que participaram e de expressar sua relação direta com a sala de aula e sua possível interferência no processo de ensino e de aprendizagem.

Em outro momento desse trabalho a pesquisadora faz sínteses de artigos, escritos pelo professor Antônio Vicente Marafioti Garnica, e utiliza a entrevista com este autor com a intenção de aprofundar os aspectos metodológicos e ressignificar essas produções, atualizando conceitos e teorizando sobre um grupo de pesquisa nessa área: o GHOEM.

Ainda se tem o propósito de utilizar a entrevista nessa última fase da pesquisa, no sentido de expressar o modo de olhar de um dos coordenadores do curso do Pró-Letramento em Matemática sobre as narrativas das professoras entrevistadas e sobre o referido programa.

Considerações

As entrevistas até agora realizadas se constituirão em registros sobre a formação continuada Pró-Letramento em Matemática, realizada no município de União da Vitória em que expressam o ponto de vista dos professores entrevistados sobre esse programa.

Esse estudo também pode subsidiar discussões para repensar a formação continuada de professores no que se refere à implementações de políticas públicas nesta área.

Espero que essa pesquisa contribua para a reflexão dos professores sobre sua formação e prática pedagógica no intuito de melhorar o trabalho em sala de aula junto aos alunos.

Referências

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. **A experiência do labirinto: metodologia, história oral e educação matemática.** São Paulo: UNESP, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Org. **(Re)introduzindo História Oral no Brasil.** São Paulo: Xamã, 1996.

_____. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 2002.

MURTA, Claudia Pereira do Carmo; SILVA, Diolina Moura; CORDEIRO, Valter Luiz dos Santos. Guia do Curso. Brasília: MEC, SEB, 2008. 18p. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: matemática.** - Ed. rev. e ampl. incluindo SAEB/Prova Brasil matriz de referência/ Secretaria de Educação Básica - Brasília: Ministério da Educação, SEB, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.